

ANTOLOGIA POÉTICA

MARIO BENEDETTI

*“só quando transgrido alguma ordem
o futuro se torna respirável”.*

MARIO BENEDETTI

ANTOLOGIA POÉTICA



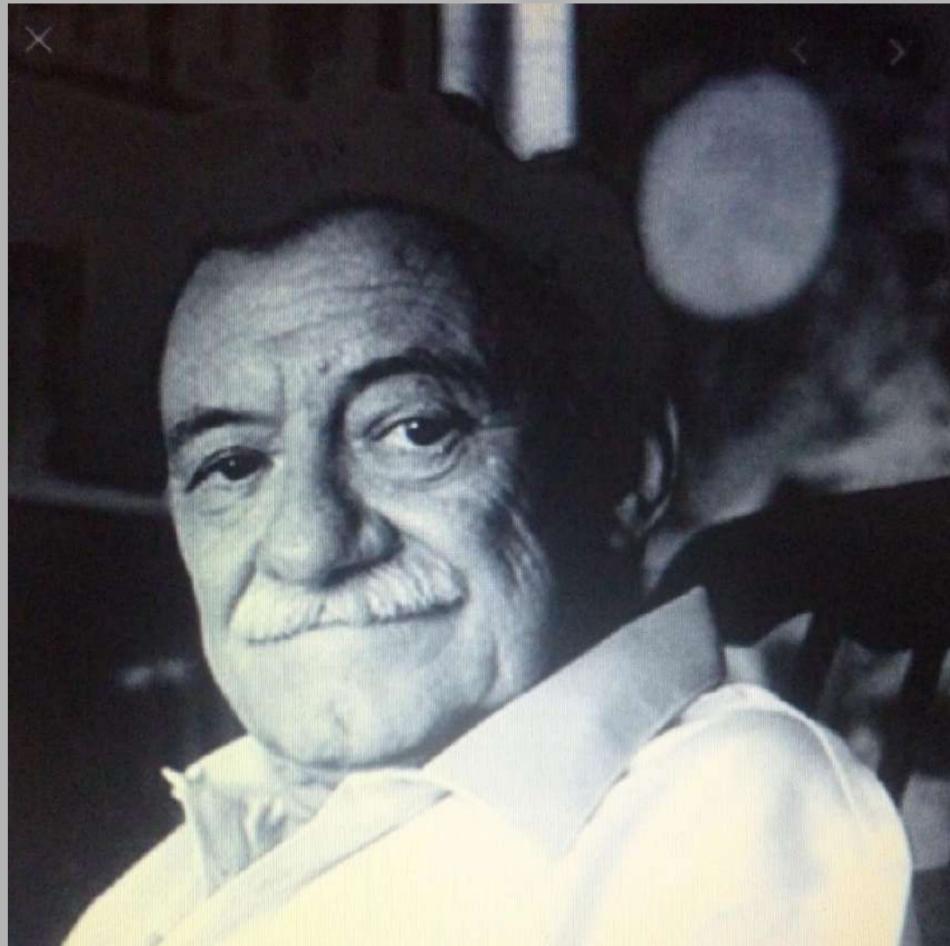
03304/3



Mario Benedetti

Paso de los Toros, departamento de Tacuarembó, Uruguai, 1920

Montevideu, Uruguai, 2009



Poeta, escritor e ensaista, integrante da Geração de 45, a qual pertenceu também Juan Carlos Onetti.

É considerado um dos principais autores uruguaios.

Iniciou sua carreira literária em 1949, e ficou famoso em 1956, ao publicar "Poemas da Oficina", uma de suas obras mais conhecidas.

Benedetti, era filho de uma família italiana, com a qual mudou-se para Montevideu aos quatro anos de idade, onde passou a infância e cursou seus estudos.

Em 1938, muda-se para Buenos Aires, Argentina, onde permaneceu até 1941.

Em 1945 passa a integrar a equipe de redação do semanário Marcha, junto com Eduardo Galeano, no qual permaneceu até 1974, ano em que o semanário foi fechado pela ditadura de Juan Maria Bordaberry.

Em 1946 casa-se com Luz López Alegre.

Em 1948 dirige a revista literária Marginalia.

Em 1949 torna-se membro do conselho de redação da revista literária Número, uma das publicações mais destacadas da época.

Participa ativamente no Movimento Contra o Tratado Militar com os EUA, sua primeira ação como militante.

Em 1971, participa ativamente da vida política uruguaia como membro do Movimento 26 de Março.



É nomeado diretor do Departamento de Literatura Hispano-americana da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República de Montevideu.

Sob o golpe de estado de 1973, renuncia ao cargo na Universidade.

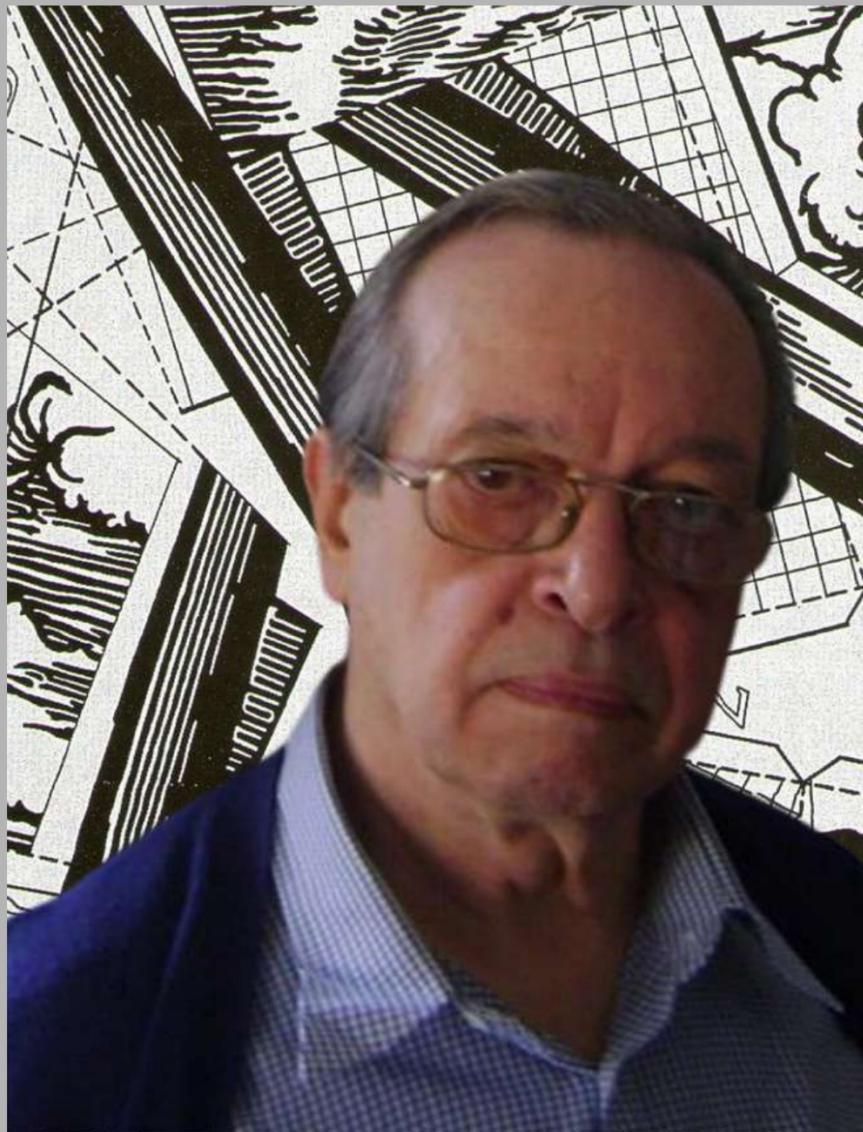
Por suas posições políticas deve deixar o Uruguai, partindo para o exílio em Buenos Aires, Argentina, e posteriormente ao Peru, onde é detido e deportado, indo em 1976 para Cuba.

Volta ao Uruguai em 1983, iniciando o autodenominado período do desexílio, motivo de muitas obras.

Morreu aos 88 anos, no dia 17 de maio de 2009, em Montevideu.

Luis Trimano

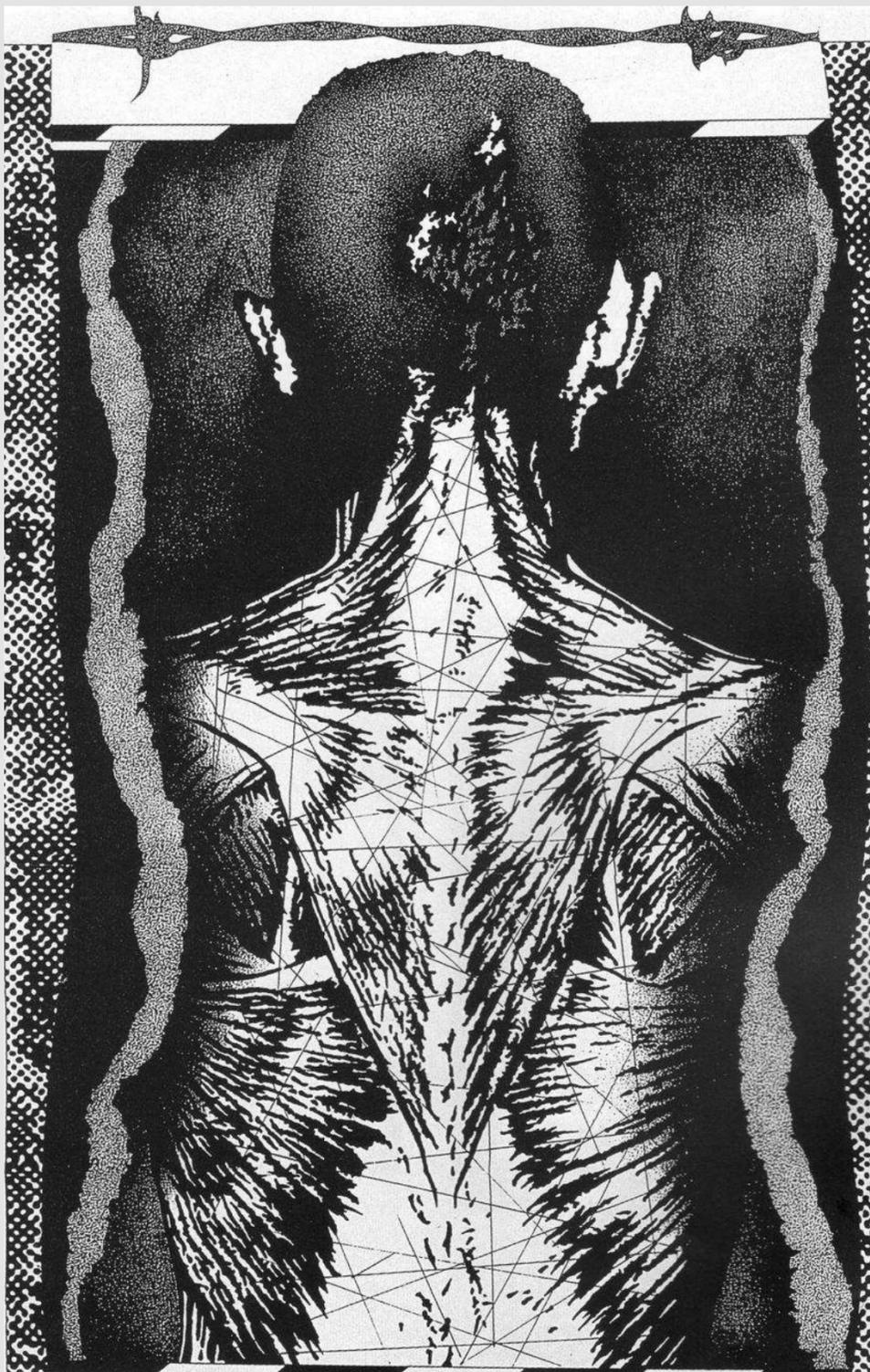
Natural de Buenos Aires (1943), Artista gráfico que atuou nas áreas da ilustração, caricatura e gravura.



Realizou sua formação em ilustração e artes gráficas na capital Argentina até que em 1968 migrou para São Paulo, onde atuou como caricaturista e ilustrador nos principais jornais diários e veículos da imprensa alternativa paulista e carioca.

Adotou o Rio como endereço desde 1974, dando prosseguimento as suas atividades nas páginas do Jornal do Brasil, O Globo, Última Hora, Tribuna da Imprensa e Pasquim, entre outras publicações.

Trimano também criou capas de disco como 20 Anos de Rock do cantor Raul Seixas e cartazes de teatro.. Colaborou nos principais jornais e revistas do País.



AS ATAS DO RANCOR

Pouco a pouco o rancor vai me invadindo
animaliza minha anima lisa
me empresta garras iras maldições
me sobressalta a paciência boba
dá brilho ao ódio como para abutres
me põe em áscuas e ascos

abro o livro e aprendo
a história do rancor seus pormenores
seus desenvolvimentos e suas pautas
seus herdados instrumentos

mesmo assim me espera uma surpresa
quando fecho o breviário
fica entre minhas mãos
uma beira desarmada e desalmada
um rastro tão tedioso
sem prestígio e sem medula

então me reduzo ao que sou
vazio de ferramentas culturais
fecho os olhos mas
que vou fazer
não sonho com perdões



PROPRIEDADE DO PERDIDO

"Tudo o que perdestes,
me disseram, é teu."

José Emilio Pacheco

É minha a inocência
ânfora de cristal tão desvalida
que nada me sugerem seus pedaços

a juventude é minha
e é ainda atávico sussurro
rescaldo prévio ao impossível fogo

o rosto do meu pai
tão meu é que acode a meus espelhos
para comprometer-me em seus dilemas

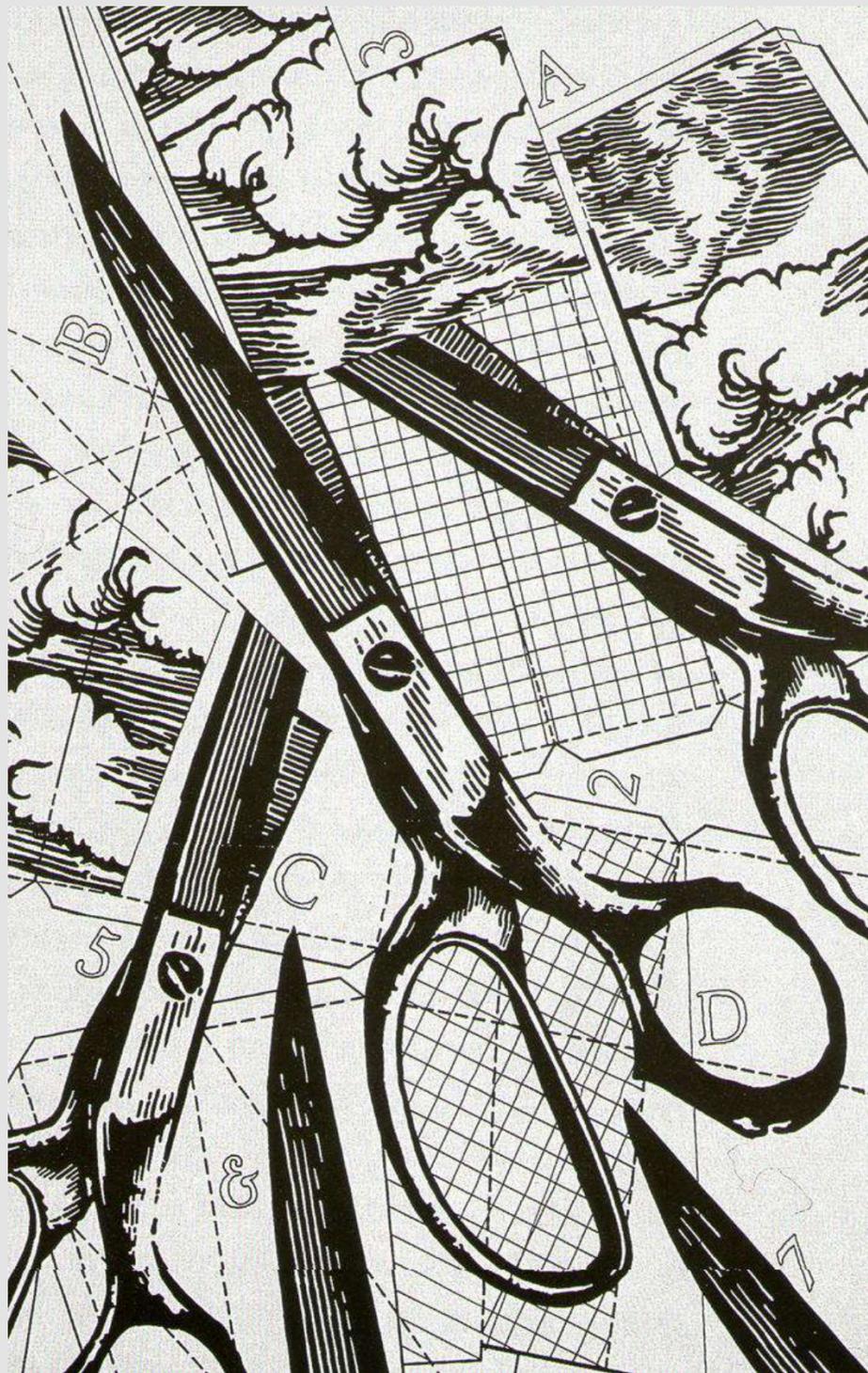
é meu o primeiro salmo
débil embelezado entre as árvores
cerzido com linhas do esquecimento

meu broto de amor
que era quimera e foi descobrimento
para soltar arroubos como um lastro

meu o muro de deus
com sua gretada e fosca pele de pedras
e suas mil garatujas de receio

e a mão fraterna
tão minha é que surge das ruínas
para estreitar minha mão e exumar-me

tudo que perdi
é meu irremediavelmente meu
tão distante de mim que é desamparo



SEM TERRA SEM CÉU

Jesus e eu respeitadas as distâncias
somos dois habitantes do exílio
e o somos por cautelosos por ingênuos

algo se quebrou na metade do verbo
e assim carregamos esta pena
restaurando vitrais e lembranças

não temos altares nem perdões
jesus e eu de povos memoriosos
às vezes compartilhamos o exílio

compartilhamos os pães e desertos
e as cumplicidades e os judas
e o camelo e o buraco da agulha
e os são tomases e a espada
e até os mercadores e a fúria

não é eco nem abstração
é uma história apenas

ele veterano eu inexperiente
chegamos emigrantes ao futuro
descalços e sem norte e surpresos

eu/ obscuro e fraturado/ sem minha terra
ele/pobre desde sempre/ sem seu céu

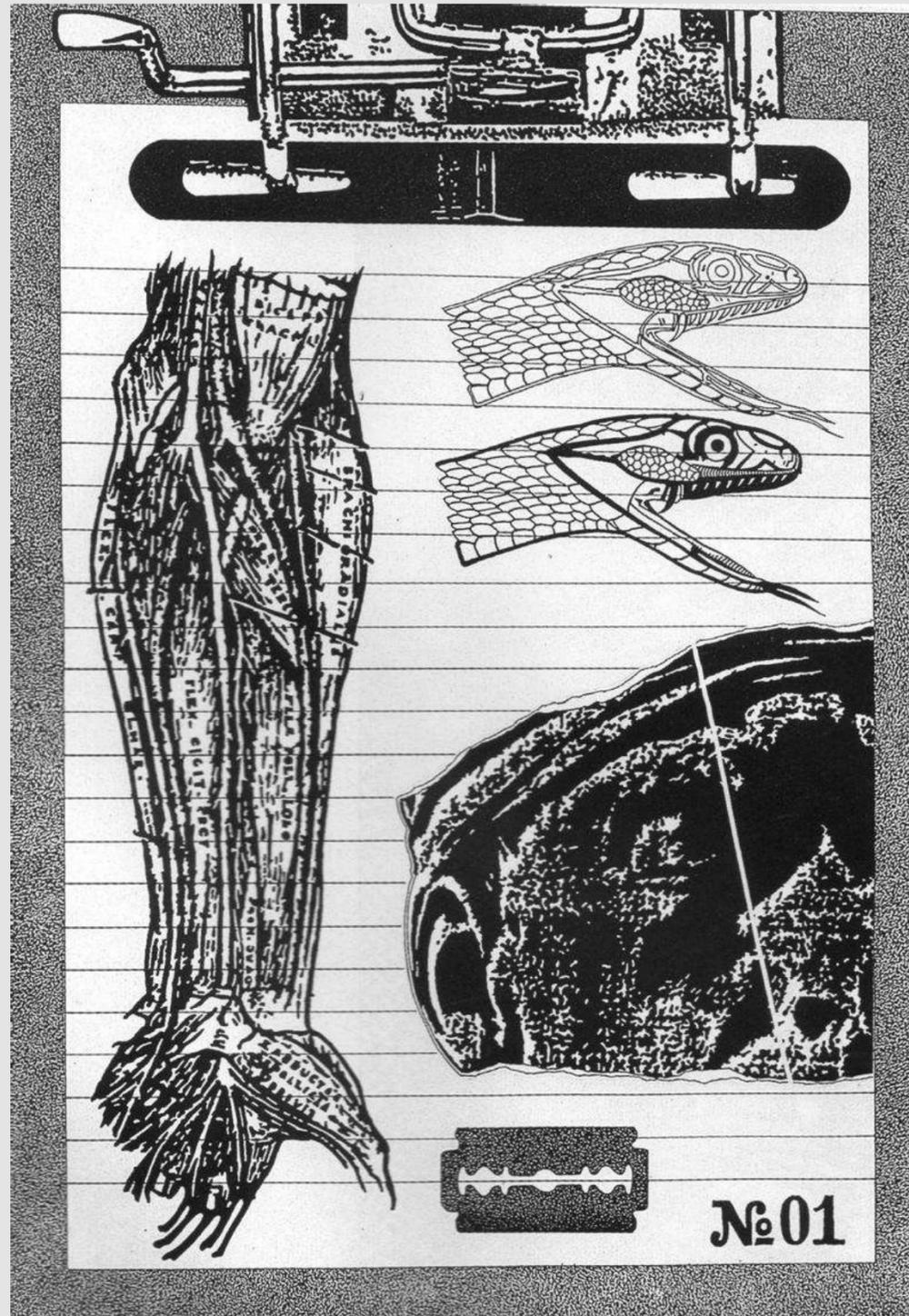


BANDÔNION

Me custa confessá-lo
mas a vida é também um bandônion
há quem sustente que quem toca é deus
mas eu estou certo de que é Troilo
já que deus apenas toca harpa
e mal

seja quem for o certo é
que nos espicha num único gesto puríssimo
e logo nos reduz aos poucos a quase nada
e claro nos arranca confissões
queixas que são clamores
vértebras de alegria
esperanças que voltam
como os filhos pródigos
e sobretudo como os estribillos

me custa confessá-lo
porque o certo é que hoje em dia
poucos
querem ser tango
a natural tendência
é ser mambo ou rumba ou chachachá
ou merengue ou bolero ou tal vez cassino
em último caso valsinha ou milonga
passodoble jamais
mas quando deus ou Pichuco ou quem for
toma entre suas mãos a vida bandônion
e lhe sugere que chore ou regozije
a gente sente o tremendo decoro de ser tango
e se deixa cantar e nem se lembra
que lá espera
o estojo.



POR QUE CANTAMOS

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se faz cacos
antes mesmo de explodir de vergonha

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como o horizonte
se lá ficaram árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro

você perguntará por que cantamos
cantamos porque o rio está soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos

cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas



VOCÊS E NÓS

Vocês quando se amam
exigem bem-estar
uma cama de cedro
e um colchão especial

nós quando nos amamos
é fácil de ajeitar
com lençóis que bom
sem lençóis da igual

vocês quando se amam
calculam interesses
e quando se desamam
calculam outra vez

nós quando nos amamos
é como renascer
e se nos desamamos
não nos sentimos bem

vocês quando se amam
são de outra magnitude
têm foto têm imprensa
e o amor é o boom

nós quando nos amamos
é um amor comum
tão bom e gostoso
como ter saúde

vocês quando se amam
consultam o relógio
porque o tempo que perdem
vale meio milhão

nós quando nos amamos
sem pressa e com fervor
gozamos e nos sai
barata a função

vocês quando se amam
ao analista vão
ele é quem determina
se o fazem bem ou mal

nós quando nos amamos
sem carimbo oficial
o velho subconsciente
sente que isso é legal

vocês quando se amam
exigem bem-estar
uma cama de cedro
e um colchão especial

nós quando nos amamos
é fácil de ajeitar
com lençóis que bom
sem lençóis da igual



CONSTERNADOS, RAIVOSOS

"Vamos
derrotando afrontas"
Ernesto "Che" Guevara

Assim estamos
consternados
raivosos
mesmo que esta morte seja
um dos absurdos previsíveis

dá vergonha olhar
os quadros
o sofá
os tapetes
tirar uma garrafa da geladeira
bater as três letras mundiais do seu nome
na rígida máquina
que nunca
nunca esteve
com a fita tão pálida

vergonha ter frio
e aproximar-se da estufa como sempre
ter fome e comer
essa coisa tão simples
abrir o toca-discos e escutar em silêncio
sobretudo se é um quarteto de Mozart

dá vergonha o conforto
e a asma dá vergonha
quando você comandante está caindo
metralhado
fabuloso
nítido

você é nossa consciência crivada

dizem que o queimaram
com que fogo
vão queimar as boas
boas novas
a irascível ternura
que você trouxe e levou
com sua tosse com seu barro

dizem que incineraram
toda a sua vocação
menos um dedo

basta para mostrar-nos o caminho
para acusar o monstro e seus tições
para apertar de novo os gatilhos

assim estamos
consternados
raivosos
claro que com o tempo a pesada
consternação
irá passando
a raiva ficará
se fara mais limpa

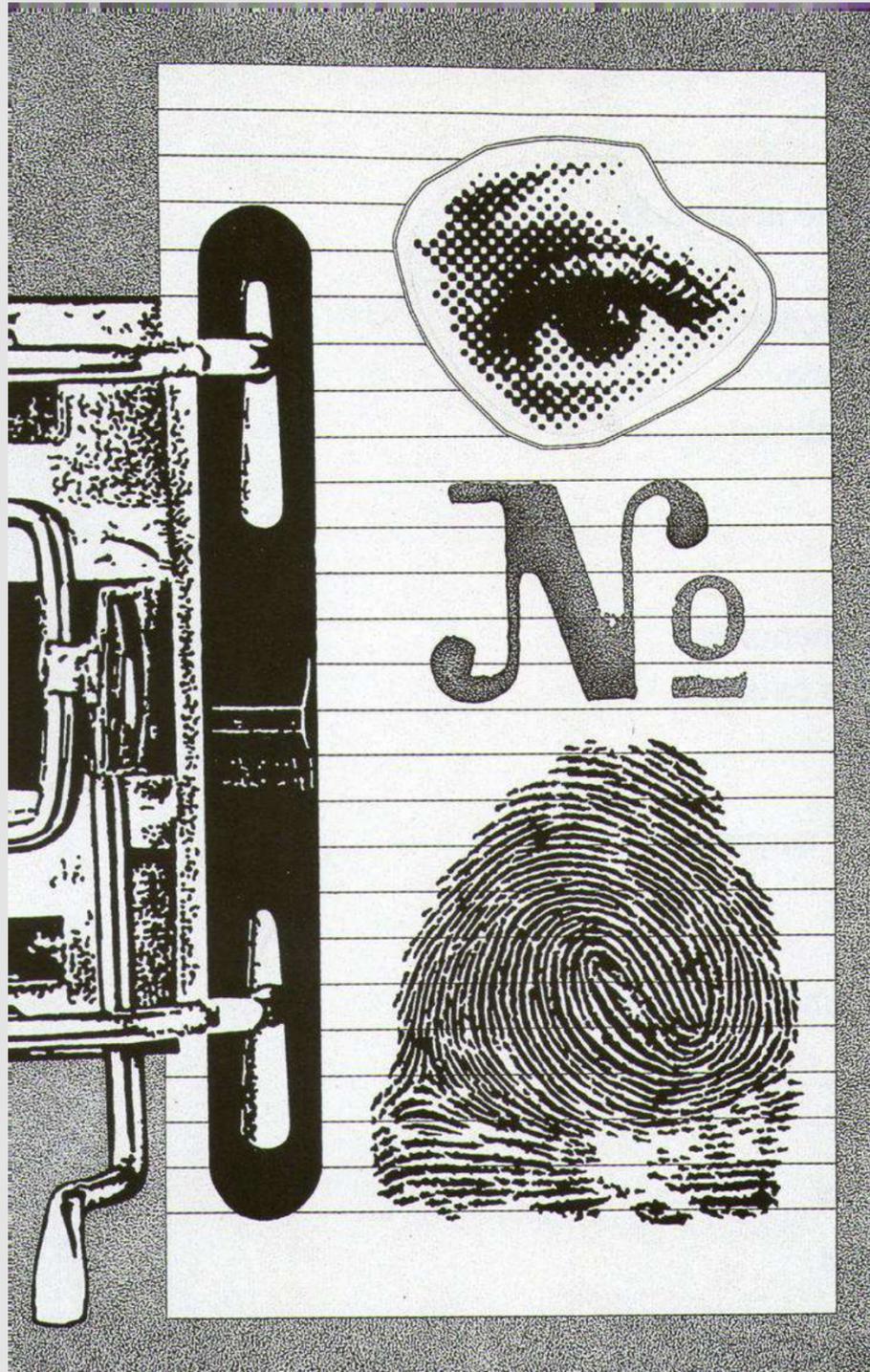
ocê morto
ocê vivo
ocê caindo
ocê nuvem
ocê chuva
ocê estrela

onde estiver
se é que você está
se está chegando

aproveite por fim
respirar tranquilo
encher de céu os pulmões

mas haverá outros
claro que haverá outros
dignos de recebê-lo
comandante

Montevidéu, outubro de 1967



AMOR DE TARDE

É uma pena você não estar comigo
quando olho o relógio e já são quatro
e termino a planilha e penso 10 minutos
e estico as pernas como todas as tardes
e faço assim com os ombros para relaxar as costas
e estalo os dedos e arranco mentiras

É uma pena você não estar comigo
quando olho o relógio e já são cinco
e eu sou uma manivela que calcula juro
ou duas mãos que pulam sobre quarenta teclas
ou um ouvido que escuta como ladra o telefone
ou um tipo que faz números e lhes arranca verdades

É uma pena você não estar comigo
quando olho o relógio e já são seis.
Você podia chegar de repente
e dizer "e aí?" e ficaríamos
eu com a mancha vermelha dos seus lábios
você com os riscos azul do meu carbono.

poemas: Mario Benedetti
Ilustrações: Luis Trimano
tradução: Julio Luíz Gehlen



ornitorrincobala e-Book edições

projeto gráfico: jidduks

2020